

11 Cadeias globais de valor no agronegócio: o caso do Complexo Soja

Rodrigo Daniel Feix*

-
- As transformações em curso nos países em desenvolvimento geram grande reflexo no mercado de soja. Com a evolução da renda, ocorre o aumento da demanda por esse elemento essencial na transformação da proteína vegetal em animal;
 - Há forte concentração geográfica na produção de soja no mundo. Três países respondem juntos por cerca de 80% da oferta: Brasil, Estados Unidos (EUA) e Argentina;
 - Em 2012, pela primeira vez, o Brasil superou os EUA e assumiu a posição de principal produtor de soja do mundo. Entre as safras 1991/92 e 2012/13, o país registrou o maior crescimento de produção;
 - Nos últimos dez anos, a China passou de nação autossuficiente na produção de soja para maior importador internacional, sobretudo *in natura*. Na safra 2012/13, a demanda do país ultrapassou 62 milhões de toneladas de grãos;
 - Ritmo da expansão do processamento no Brasil é muito inferior ao da produção. No RS, esse problema é ainda mais acentuado. Caminho diferente vem sendo percorrido pela Argentina, cuja cadeia consegue agregar mais valor;
 - De 1991 a 2012, *market-share* no processamento passou por grande mudança. Os EUA decaíram de 37% para 21%, e a China evoluiu de 4% para 27%, ocupando a liderança mundial. O Brasil, ao longo desse período, manteve-se com 16%, mas caiu de posição;
 - O *mix* de exportação brasileiro sofreu grandes alterações. Antes predominante, o farelo perdeu participação, assim como o óleo. Enquanto isso, o grão passou a dominar a pauta;
 - Diversas razões impedem a agregação de valor no país: a ociosidade e o fechamento de unidades de processamento; a dificuldade em comprar matéria-prima de outros estados e em abrir fábricas de grande porte; a impossibilidade de instalarem-se unidades de produção próximas aos portos; a

* Pesquisador em economia da Fundação de Economia e Estatística (FEE)

- demora e a incerteza no recebimento de créditos tributários; a escalada tarifária de outras nações e a imposição de barreiras técnicas dos concorrentes;
- O Grupo ABCD – formado por ADM, Bunge, Cargill e Louis Dreyfus – domina em torno de $\frac{3}{4}$ da exportação mundial de commodities agrícolas. Tais empresas têm presença em muitos países e atuam em quase todos os elos da cadeia da soja. O grande foco atual dessas companhias é o mercado asiático;
 - O histórico recente registra alta dos preços dos alimentos. Cinco fatores sustentam essa tendência: o crescimento da renda em países emergentes; o aumento da população e a alteração no perfil demográfico dessas nações; as restrições físicas e ambientais para abertura de novas áreas de cultivo; a demanda por produtos agrícolas para produção de biocombustíveis e a liquidez de recursos;
 - Cada vez mais, os preços das commodities agrícolas se dissociam da relação estoque-consumo, com a financeirização afetando cada vez mais o patamar de preço. A volatilidade induz os produtores a utilizarem ainda mais os instrumentos financeiros;
 - De acordo com projeções do USDA (Departamento de Agricultura dos EUA) para 2021, a exportação do grão continuará crescendo, com o farelo e o óleo mantendo nível semelhante ao atual. O Brasil deve permanecer à frente dos EUA na comercialização da soja *in natura* para o mercado externo. O aumento da produção nacional será absorvido, em grande parte, pela China;
 - A soja é a principal atividade agropecuária do Estado. Em 2011, a safra atingiu 11,6 milhões de toneladas, número que se dividiu de maneira quase equilibrada entre exportação *in natura* e processamento;
 - No mesmo ano, 80% da produção (somando grãos, farelo e óleo) foi destinada a outros países. O complexo soja respondeu por 24% das exportações gaúchas, sendo a atividade mais integrada ao comércio internacional;
 - Diferente do que ocorre no restante do Brasil, há predominância no RS de empresas de esmagamento locais. Na exportação da *commodity*, porém, há grande participação de companhias multinacionais;
 - A produção de biodiesel tem sido importante na agregação de valor no RS e remunera melhor do que exportação do óleo. Há previsão de aumento significativo da capacidade de empresas locais. Estado tem forte presença de agricultura familiar, o que garante sintonia com o Programa Nacional de Produção e Uso do Biodiesel.
-

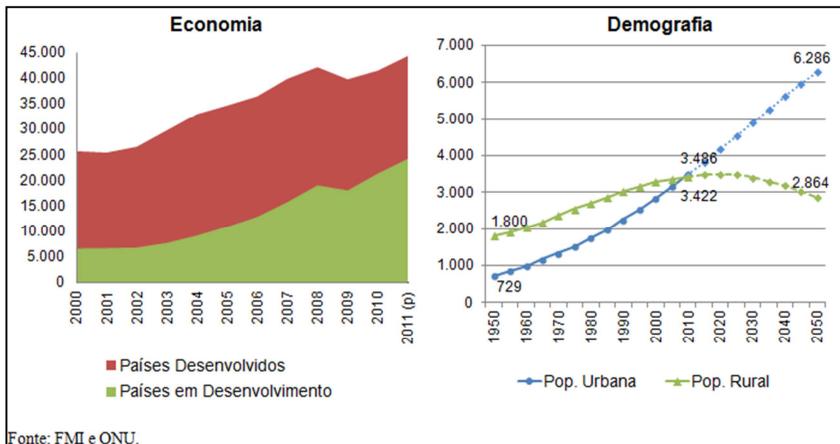
O Complexo Soja encontra-se no centro da pauta sobre a economia do Estado. Trata-se da principal atividade agropecuária do Rio Grande do Sul. Iniciado no final dos anos 60, com variedades americanas, o cultivo somente avançou em terras gaúchas no início da década seguinte.

“Houve uma explosão quando essa *commodity* alcançou um valor muito elevado no comércio mundial. Antes disso, a nossa agricultura não tinha vínculos com o mercado internacional”, recordou José Hermeto Hoffmann, diretor administrativo do BRDE e moderador do painel.

A partir de então, áreas extensas de campo no Planalto foram dando lugar a lavouras. “A soja iniciou todo um processo e causou uma revolução na agricultura gaúcha. O resultado disso é a construção de uma potência”, avaliou Hoffmann.

Um cenário em profunda transformação

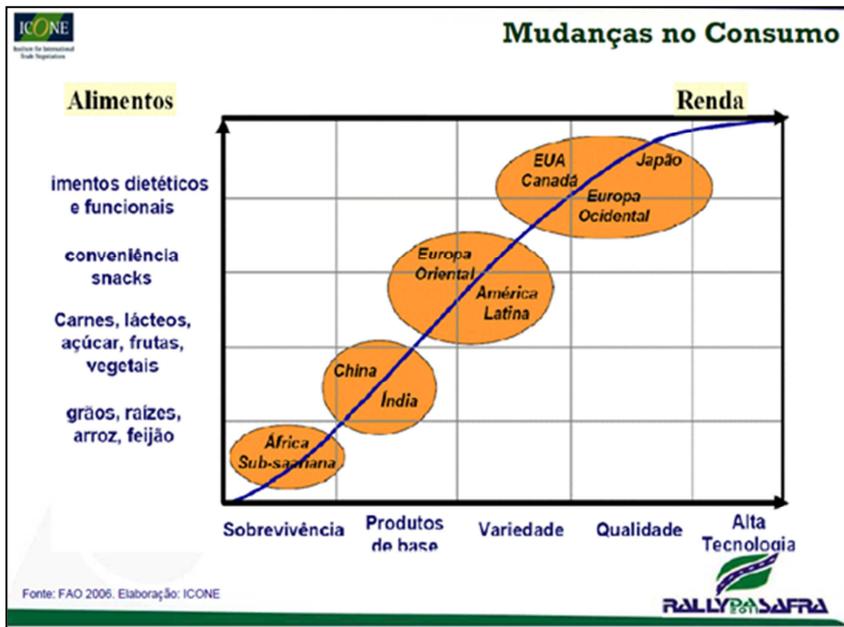
Desde que a soja foi introduzida no Rio Grande do Sul, ocorreram diversas mudanças no mercado, representando riscos e oportunidades para a cadeia. Segundo Rodrigo Daniel Feix, pesquisador em economia da FEE, o momento atual traz muitas novidades para o setor. “Estão acontecendo grandes transformações no mundo em desenvolvimento. Esses países estão aumentando a participação na geração de renda global, sua população e renda per capita. Além disso, há um processo acentuado de urbanização”, observou.



Tais fatores, de acordo com o economista, induzem uma mudança nos padrões de consumo e de alimentação da população. “O prato de comida das pessoas tem mudado significativamente nessas regiões nos últimos dez anos. Está comprovado que há uma relação direta entre evolução do nível de renda e tipo de alimento geralmente consumido”, concluiu Feix.

É o que evidencia um estudo elaborado pela Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação. Num estágio de sobrevivência, no qual se enquadram nações da África Subsaariana, o padrão alimentar é constituído por grãos, raízes, arroz e feijão. Com o aumento da renda, a dieta passa a incluir os produtos de base, compostos por carnes, lácteos, açúcar, frutas e vegetais. É nessa faixa que se encontram, hoje, dois gigantes do BRIC: China e Índia.

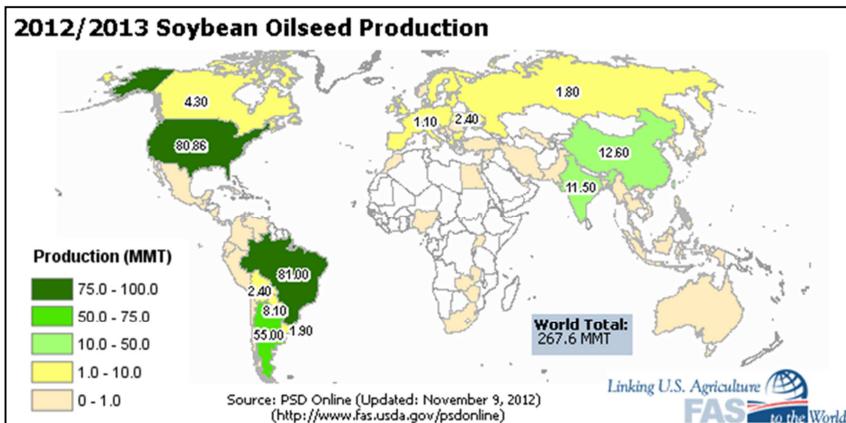
O pesquisador da FEE sustentou que essa evolução é o principal *driver* na expansão da demanda: “A soja é um elemento fundamental para transformar proteína vegetal - através do farelo que alimenta o suíno e a ave - em proteína animal. Isso explica por que a soja se tornou um insumo tão importante”.



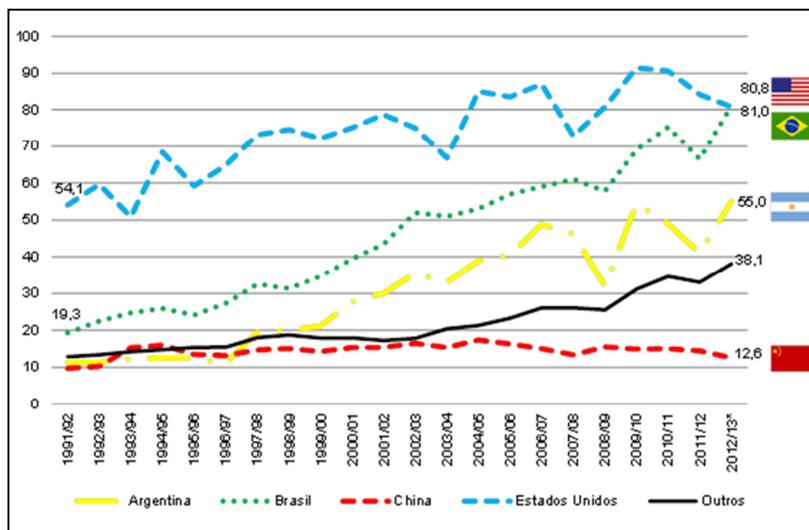
Caminho rumo ao topo da produção mundial

A produção de soja no mundo é marcada pela concentração geográfica, com três países respondendo por aproximadamente 80% da distribuição da oferta: Brasil, Estados Unidos e Argentina.

Segundo dados do United States Department of Agriculture (USDA), a safra internacional registrada em 2012 atingiu 267,6 milhões de toneladas, sendo 81 milhões com origem no Brasil, 80,86 milhões nos EUA e 55 milhões na Argentina. Em quarto lugar, distante dos outros *players*, figurou a China, com 12,60 milhões de toneladas.



Entre as safras 1991-92 e 2012-13, o Brasil apresentou as maiores taxas de crescimento de produção, acompanhado pela Argentina. Após um longo período de curva ascendente, o país conseguiu superar os Estados Unidos. “Pela primeira vez, assumimos a posição de principal produtor de soja do mundo. A adversidade climática afetou muito o desempenho norte-americano”, disse Feix.

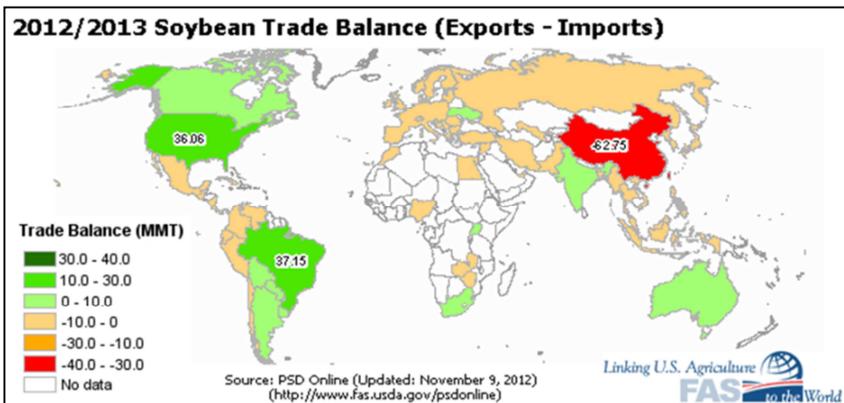


Um gigante com apetite por grão

De acordo com o painelista, o mix de importação do complexo soja foi radicalmente alterado a partir dos anos 2000. “O principal *player* no mercado era a União Europeia, que demandava especialmente farelo. Por não ter uma indústria muito competitiva, sua preferência sempre foi pelos derivados, e não pelo produto *in natura*. Tudo isso mudou com a entrada da China no mercado”, afirmou.

Autossuficiente em soja há pouco mais de dez anos, o país asiático importou em grãos, no período da safra 2011-2012, mais do que toda a produção argentina em um ano.

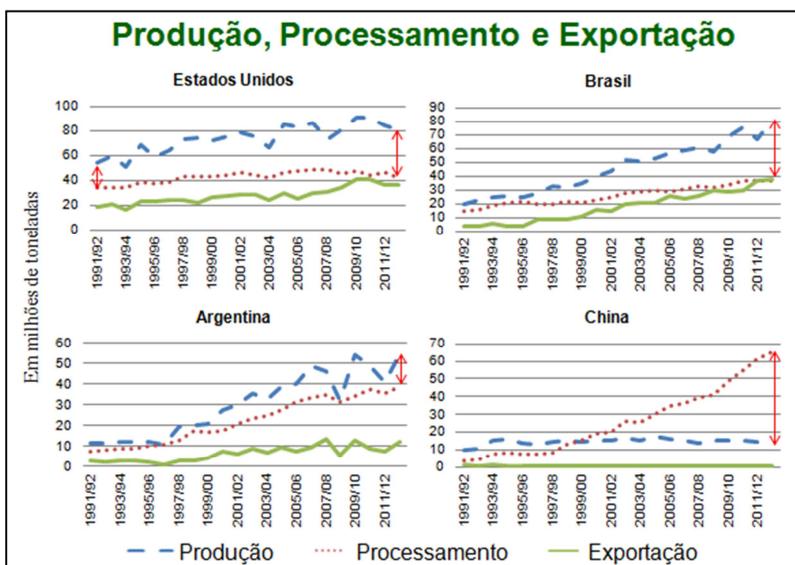
Para a safra 2012-2013, as projeções do USDA indicavam que o Brasil seria o maior exportador de soja em grão, totalizando 37 milhões de toneladas – 1,09 toneladas à frente dos Estados Unidos. Na outra ponta, a China se consolidaria como o principal mercado consumidor, demandando 62,75 milhões de toneladas.



Processamento em marcha lenta

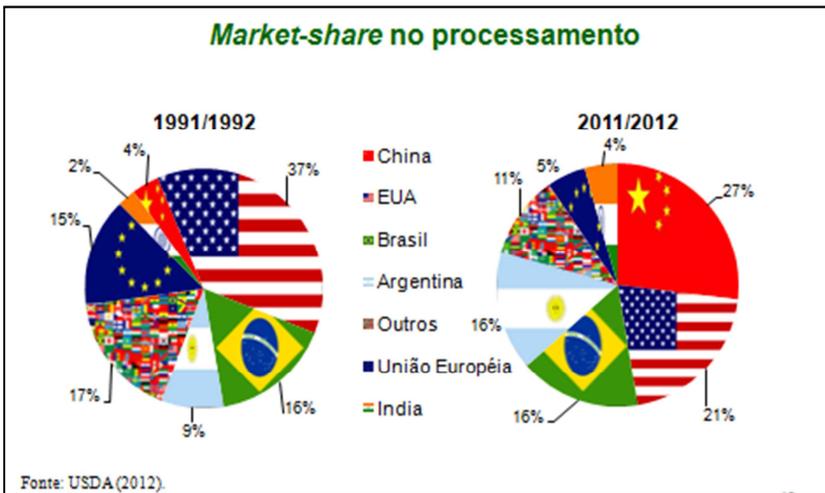
Embora se posicione atrás do Brasil em volume de produção, a Argentina está conseguindo resolver com mais êxito uma equação importante no comércio internacional. “Os argentinos têm dado um banho em nós quando o assunto é agregação de valor na cadeia da soja. É importante avaliar como a Argentina tem sido bem-sucedida. Ainda mais nesse cenário onde a demanda mundial por farelo cresce muito menos do que por grão. A evolução do processamento deles ocorre num ritmo parecido com o da produção”, ressaltou o economista da FEE.

Na contramão desse movimento, salientou o pesquisador, o Brasil apresenta uma taxa de processamento da soja muito inferior à da produção. Os Estados Unidos, por sua vez, registram uma expansão da produção menor ao longo dos últimos anos, com o processamento estável e atendendo, principalmente, à demanda que o mercado doméstico de carnes tem pelo farelo.



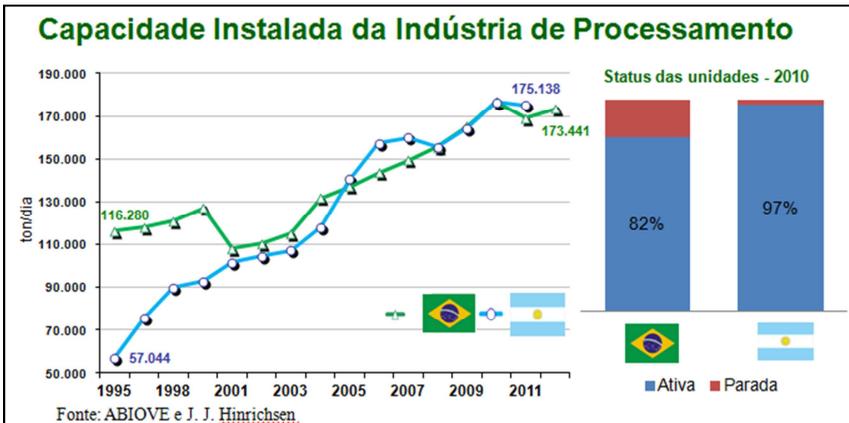
Outras conclusões sobre esse cenário podem ser tiradas quando observado o *market-share* no processamento. Entre as safras 1991-92 e 2011-12, o percentual do Brasil não sofreu alteração, mantendo-se em 16%. No entanto, caiu de colocação. Também perdendo terreno, os Estados Unidos saíram da liderança internacional, reduzindo sua participação de 37% para 21%.

Por outro lado, a China conquistou espaço ao longo dos últimos 20 anos. O gigante asiático assumiu a primeira posição em esmagamento de soja ao passar de 4% para 27%. Em trajetória ascendente encontra-se também a Argentina, que teve sua participação evoluída de 9% para 16%.



O fracasso brasileiro e o sucesso argentino

Ao colocar lado a lado as evoluções da capacidade instalada da indústria de processamento de um país e de outro, Rodrigo Feix destacou: “De 1995 a 2011, a Argentina dá um salto extraordinário. Já o Brasil cresce, mas junto a novas áreas de produção, principalmente nas regiões Centro-Oeste e Nordeste. A região Sul, que antes era a principal processadora, tem avançado muito menos.” Para o estudioso, os números mostram como a tomada de decisão de investimentos pode ser influenciada pelas diferenças no quadro local.



Após descrever o cenário, Feix lançou uma pergunta aos participantes do seminário: “Quando se considera a participação no mercado, veremos que as mesmas empresas estão num país e no outro. Então, o que determinou o fracasso brasileiro e o sucesso argentino na agregação de valor no Complexo Soja?”.

A ociosidade da indústria nacional é um dos grandes entraves, defendeu o economista. Em 2010, 18% das plantas produtivas do Brasil estavam paradas, contra apenas 3% na Argentina. O fecha-

mento de fábricas, principalmente nas regiões Sul e Sudeste, também é apontado como agravante.

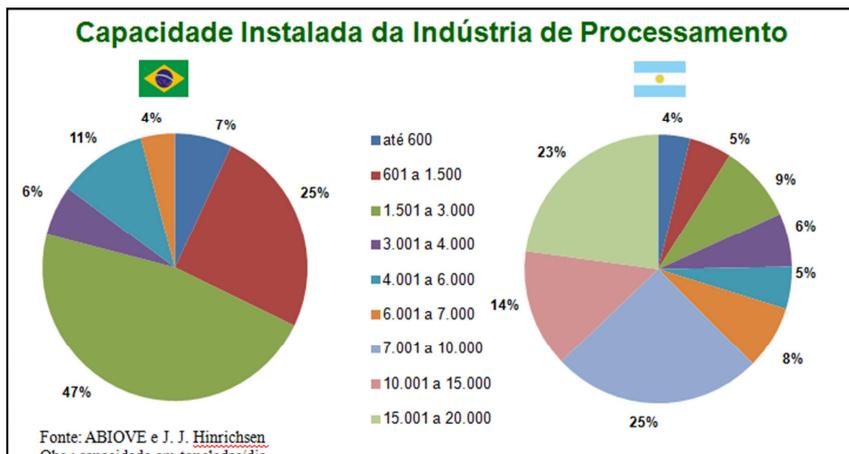
Outro fator determinante para a perda de espaço diante da Argentina reside na questão tributária. O país vizinho possui um mecanismo de exportação que desonera a exportação de farelo e óleo, em detrimento do grão. “No Brasil, a partir da Lei Kandir, foi isenta de ICMS a exportação de derivados e de soja *in natura*. Essa medida criou uma situação desfavorável, principalmente para o transporte de soja entre um estado e outro, pois gera um crédito que as empresas têm dificuldade ou até incerteza se vão recuperar. Isso tem influenciado a decisão das empresas entre processar ou exportar o grão”, afirmou Feix.

Questionado sobre uma proposta que pretende elevar o imposto de exportação sobre os grãos, o painalista foi enfático: “A saída não é simplesmente a taxação da matéria-prima para que ela permaneça no mercado interno. Não se pode olhar para um ponto específico da cadeia, tentando melhorar sua situação, desorganizando os demais. Com essa medida, o peso acabaria recaindo sobre o produtor rural. Precisamos é de um ajuste no atual modelo da política tributária”.

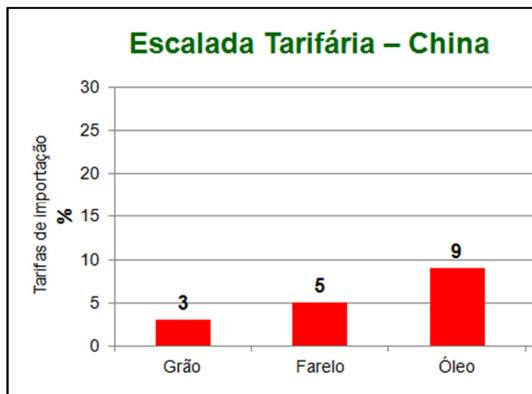
Para o pesquisador, o grande problema da indústria é a impossibilidade de monetização do crédito tributário: “Quando foi construída a nova política tributária, com a Lei Kandir, foram previstos instrumentos internos de agregação de valor que, na verdade, não têm funcionado. Se houvesse um mecanismo mais simplificado e rápido, haveria uma redução muito grande de custo. Com isso, o ganho de competitividade seria significativo”.

Segundo ele, uma consequência dos obstáculos impostos ao transporte da soja dentro do território nacional é a dimensão reduzida das plantas brasileiras. “Enquanto mais da metade das unidades nacionais têm capacidade de processamento entre 1.500 a 3.500 toneladas/dia, 23% das argentinas vão de 15.000 a 20.000 toneladas/dia. Além disso, normalmente elas estão instaladas junto

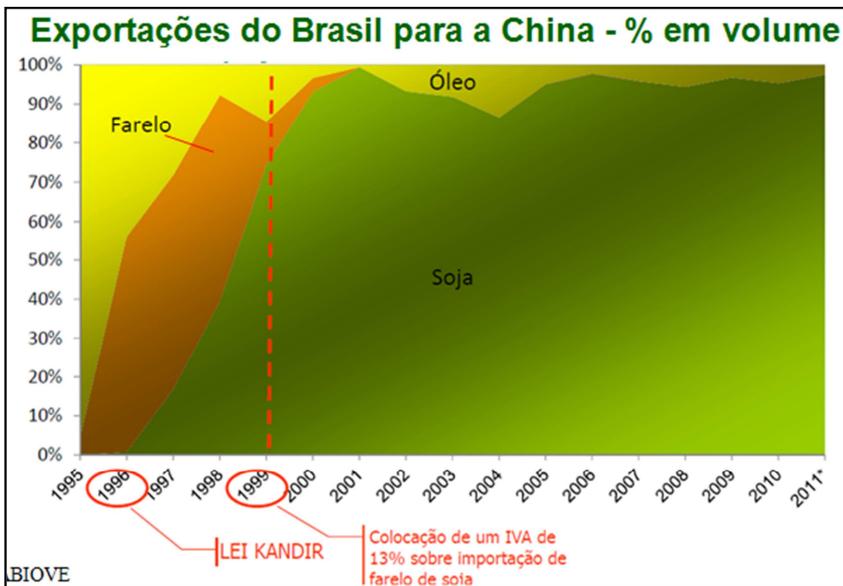
a portos, o que gera economias de escala para a indústria e aumenta competitividade.”



A postura agressiva da China foi outro elemento destacado pelo economista como obstáculo à agregação de valor. “A nação asiática decidiu capturar o valor adicionado da soja. Por isso, tem dado preferência à matéria-prima, em detrimento dos derivados”, ponderou. É seguindo essa linha que o país impõe a escala tarifária, taxando o grão em 3%, o farelo em 5% e o óleo em 9%.



“Esse tipo de prática diminui a competitividade brasileira de exportação. Mas a principal dificuldade, no acesso a esse mercado, ainda tem sido a imposição de barreiras técnicas”, ressaltou o economista da FEE. O resultado dessa soma de fatores é muito claro: “O mix de exportação para a China mudou radicalmente. Até 1999, havia um certo equilíbrio entre farelo, óleo e grão. Hoje, o que domina a pauta é o grão, sendo exportado apenas o óleo excedente necessário”.



ABCD: multinacionais onipresentes no Complexo Soja

“Onde quer que você viva, você não pode evitar as quatro gigantes globais”, escreveu o jornal britânico The Guardian em 2011, referindo-se às empresas ADM, Bunge, Cargill e Louis Dreyfus. Conhecido como ABCD em razão de suas iniciais, o

grupo formado por essas companhias domina aproximadamente três quartos da exportação mundial de *commodities* agrícolas. Além delas, também estão crescendo em importância e dimensão as asiáticas Vilmar, Cofco e Noble.

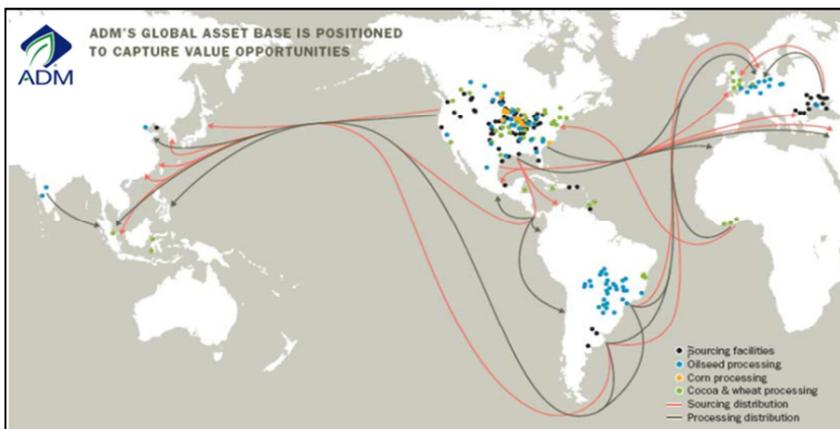
ABCD em números				
Indicador				
Vendas em 2011 (em bilhões de dólares)	80,7	58,7	119,5	59,6
Vendas em 2010 (em bilhões de dólares)	61,7	45,7	101,3	46,1
Lucros em 2011 (em bilhões de dólares)	2,04	0,94	4,2	não disponível
Lucros em 2010 (em bilhões de dólares)	1,9	2,5	2,6	não disponível
Número de empregados	30000	32000	142000	34000
Número de países com atuação	75	40	66	55

Fonte: Sites oficiais das empresas e imprensa.
Elaboração: OXFAM (2012)

“As empresas ABCD apresentam uma grande relação com a flutuação de preços internacionais. Elas estão em muitos países do mundo e têm um volume muito grande de colaboradores. E atuam em praticamente todos os elos da cadeia, desde a originação, passando pelo processamento e transformação da matéria-prima em outros produtos alimentícios”, disse Feix. Foi dessa forma, observou, que houve inserção no Centro-Oeste brasileiro, “onde a presença das quatro empresas é quase soberana”.

Segundo o economista, as companhias também prestam serviços agrícolas, incluindo fornecimento de insumos, fertilizantes, sementes, além da assinatura de contratos antecipados com os agricultores, envolvendo seguro, transporte e armazenagem da produção. E complementou: “Mais recentemente, têm adquirido importância os investimentos em gestão de riscos. O olhar dos analistas está focado nesse ponto da cadeia, que deve ser responsável pelo aumento da fatia de lucro dessas empresas”.

Quanto à distribuição de investimentos dessas gigantes globais, Feix pontuou: “A postura da ADM mostra muito bem como tem funcionado a tomada de decisão de suas concorrentes. Elas trabalham com regiões de originação. No Brasil, atuam no Centro-Oeste e no Sul. Nos Estados Unidos, mais próximas do *corn belt*. A partir desses locais, distribuem a produção para diversas regiões do mundo”.



No relatório de 2011, o CEO da Bunge, Raul Padilla, revelou como sua empresa escolhe o local onde aplicar capital: “Quando avaliamos a realização de novos investimentos, sejam armazéns, plantas de processamento, moinhos ou terminais portuários, focamos nos locais que ampliarão as fontes de oferta e nos conectarão aos novos mercados consumidores”.

Na mesma publicação, o diretor executivo da empresa relatou a estratégia da empresa para os próximos anos: “Entramos em novos mercados para capturar o crescimento da produção agrícola e da demanda por produtos finais. A Ásia tem sido o grande foco. O governo chinês planeja aumentar a escala de produção de suínos até 2015. Isso demandará mais ração animal produzida a partir

de milho e soja. A Bunge está aumentando sua presença na China para ofertar esses produtos”.

Causa e efeito: financeirização e volatilidade

Em sintonia com o crescimento da demanda havido nos últimos anos, vem ocorrendo um aumento da variação dos preços das commodities, situação que motivou um questionamento de Feix: “A volatilidade é causa ou consequência da financeirização? Originalmente, o mercado futuro e os instrumentos financeiros foram buscados para proteção contra volatilidade de preços e do câmbio. Foi isso que gerou, inicialmente, a financeirização do comércio. Mas a liquidez de recursos no mundo tem atraído investidores especulativos para esse mercado, interessados em se inserir nessa dinâmica de crescimento dos preços”.

Apresentando gráficos de 2002 e 2012 com a variação dos preços das commodities, o economista da FEE concluiu: “A volatilidade tem aumentado radicalmente em razão da entrada no mercado de um número tão grande de investidores”.

Em 2002, havia movimentos divergentes, mas, em 2012, tudo se conectou. A tendência está muito parecida. Fica cada vez mais difícil negar o efeito da financeirização no patamar de preço das commodities agrícolas”. Para o painalista, o aumento da volatilidade cria a necessidade de utilizar os instrumentos financeiros.



“A cada ano, há novos ramos e tipos de serviços financeiros oferecidos pelo grupo ABCD. Numa ponta, estão comprando e vendendo produtos. E, na outra, dizem para investidores o que

devem fazer, dada a expectativa de variação de preços futuros. Isso é um grande incoerência, pois elas têm um enorme poder de mercado e de influência”, criticou Feix.

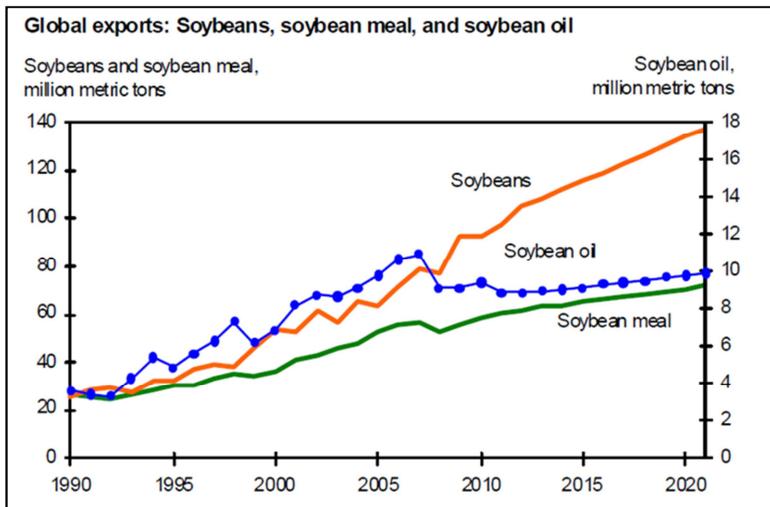
Essa tese foi reforçada pela Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD) em análise realizada em 2012: “Os investidores não baseiam suas decisões de compra e venda puramente nos fundamentos de oferta e demanda (lado real). Eles consideram que aspectos relacionados a outros mercados ou a diversificação dos portfólios são importantes. Isso introduz sinais espúrios aos preços de mercado”.

Além da financerização, o economista da FEE apontou três fatores que estão na raiz da alta dos preços dos alimentos: transformações intensas em curso no mundo em desenvolvimento; restrições físicas e ambientais para a abertura de novas áreas de cultivo e a demanda de produtos agrícolas para produção de biocombustíveis.

Cenários para o futuro

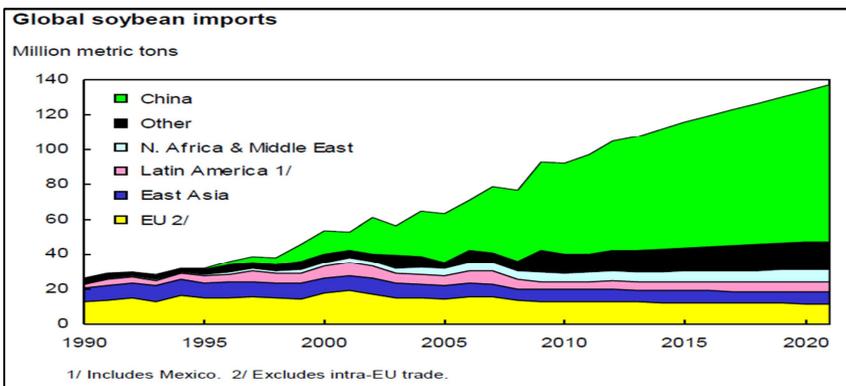
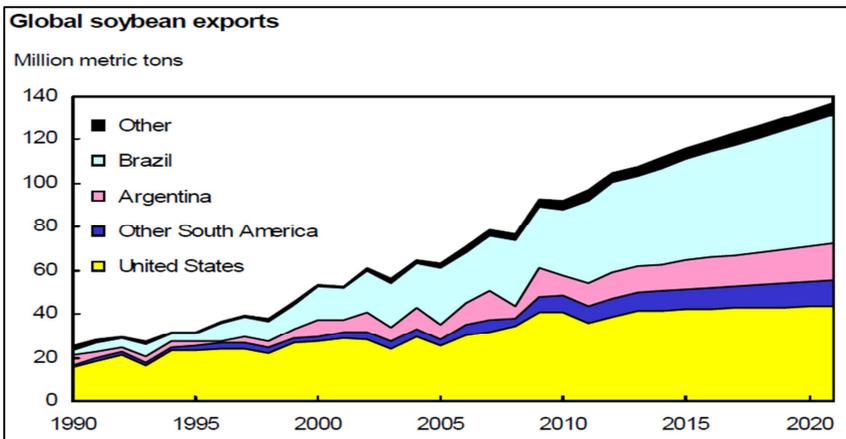
Anualmente, o USDA lança uma publicação com projeções para a década seguinte. Baseado nesses números, Feix avaliou o cenário futuro: “A tendência é de continuidade do crescimento das exportações do grão. Ele deve se estabilizar, principalmente, por causa do surgimento de regimentos mandatórios de utilização dele na produção de biodiesel”.

Para o pesquisador, essa realidade reduz a saída do óleo. “Isso é patente no Rio Grande do Sul. O biodiesel remunera melhor do que a exportação. Por isso, o óleo tem ficado mais em território gaúcho.” Atualmente, cerca de um quarto da oferta nacional do combustível tem origem no Estado. Quanto ao farelo, “a venda para outros países tende a ter aumento menos significativo, pois a China gera o farelo por lá”.

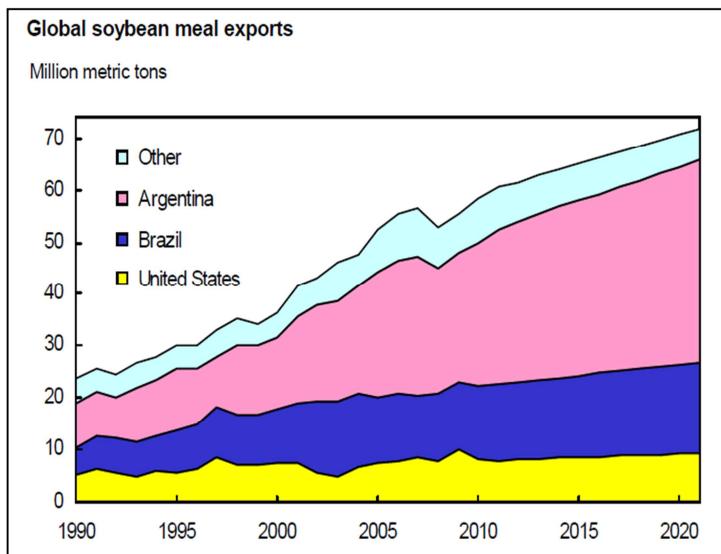


O levantamento realizado pelo órgão norte-americano também mostra que o Brasil permanecerá na liderança mundial em exportação de grãos. “O esperado é que o país continue sendo a principal região de expansão dessa produção. A tendência de aumento da parcela da safra destinada à exportação deve continuar”, analisou o especialista. O mesmo estudo aponta para a manutenção da participação da Argentina e dos Estados Unidos no comércio internacional.

Ao avaliar o destino da produção *in natura* para os próximos anos, o economista não enxerga novos movimentos no mercado. “Espera-se um aumento de importação do produto pela China. Essa tendência não deve se alterar radicalmente no curto prazo”, previu.



Também não são aguardadas, de acordo com dados do USDA, mudanças no cenário de exportação de farelo. “Na ausência de alterações no aspecto tributário, a Argentina deve continuar se valendo dessa vantagem. Dessa forma, seguirá aumentando sua participação no comércio internacional do derivado”, salientou o palestrante.



RS: protagonista em produção, coadjuvante em processamento

Cada vez mais, o agronegócio revela sua importância para a economia gaúcha. É o que concluiu o pesquisador ao avaliar o resultado de um estudo recente da FEE. “Em dez dos últimos 11 anos vigorou a máxima de que quando o produto da agropecuária gaúcha cresce acima do PIB gaúcho, o PIB do Estado cresce acima do PIB brasileiro.”

Em razão disso, fez um alerta: “É fundamental que se traga esse segmento para a agenda de discussão de uma forma integrada. O desempenho da economia do RS depende do agronegócio. E já está muito claro quanto o Complexo Soja importa para as nossas exportações”.

ANOS	AGROPECUÁRIA-RS	PIB-RS	PIB-BRASIL	(%)
				PARTICIPAÇÃO DO PIB-RS NO PIB-BRASIL
2001	13,1	2,0	1,3	7,1
2002	-3,5	1,7	2,7	7,1
2003	16,4	1,6	1,1	7,3
2004	-10,6	3,3	5,7	7,1
2005	-17,4	-2,8	3,2	6,7
2006	50,1	4,7	4,0	6,6
2007	12,7	6,5	6,1	6,6
2008	-5,3	2,7	5,2	6,6
2009	2,9	-0,4	-0,3	6,7
2010	7,9	7,8	7,5	6,5
2011	18,8	5,7	2,9	6,7

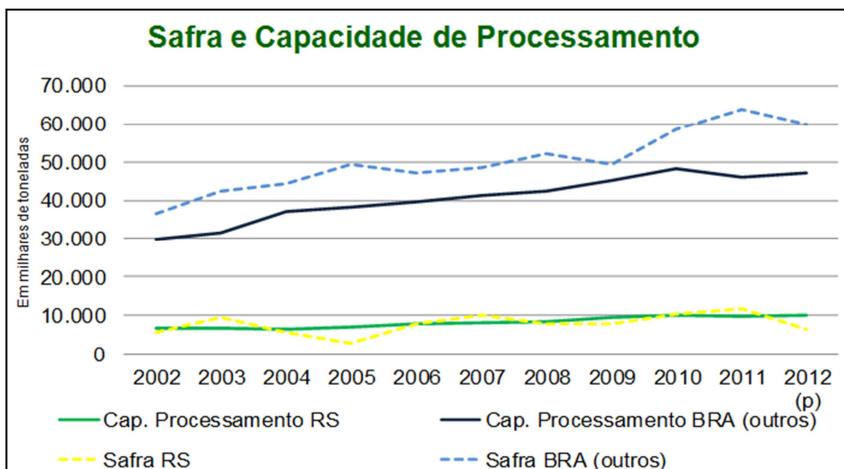
Embora o Rio Grande do Sul se destaque na produção, seu desempenho na agregação de valor está abaixo dos outros estados da Federação. “Desde 2002, a safra vem crescendo, mas a capacidade de processamento evoluiu muito pouco quando comparada ao cenário nacional. Isso faz com que os grandes grupos multinacionais atuem fortemente na originação do grão, deixando de lado o RS quando buscam realizar investimentos industriais.”

Segundo Feix, boa parte das plantas encontram-se paradas e algumas voltaram a operar em razão da política governamental de apoio à produção de biodiesel. Questionado sobre os instrumentos relevantes para a redução da ociosidade, o economista destacou a complexidade da questão: “Cada vez menos as políticas governamental ou setorial determinam a decisão de investir em processamento, em uma região ou outra. A solução do problema passa por uma ação coordenada, que precisa envolver toda a Federação”.

Trajetória semelhante vive o Paraná, que antes era o grande processador do país, mas ultimamente teve uma série de unidades fechadas. Por outro lado, entre 1998 e 2012, o Mato Grosso apresentou um salto marcante, aumentando sua capacidade de proces-

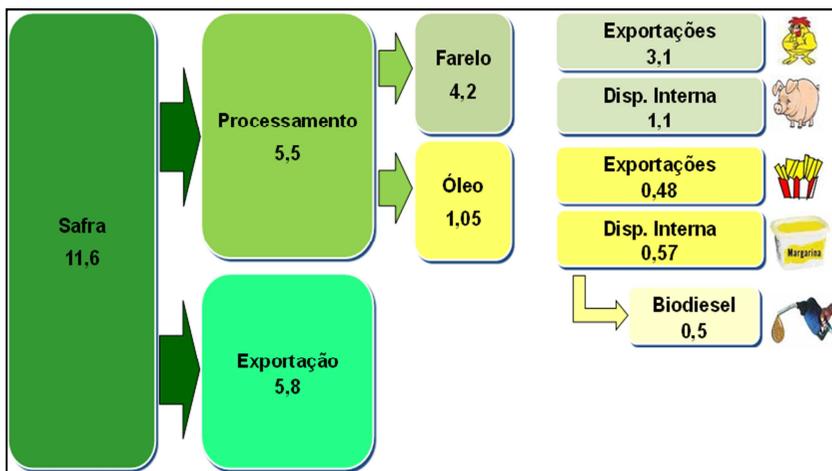
samento em 305%. “Embora a capacidade total do Brasil tenha aumentado, a distribuição entre os estados mudou significativamente”, apontou o pesquisador.

Estado	UF	Capacidade de Processamento			
		1998	2012	Var. 1998-2012	
				t	%
Mato Grosso	MT	8.770	35.486	26.716	305%
Paraná	PR	36.770	35.745	(1.025)	-3%
Rio Grande do Sul	RS	28.930	30.560	1.630	6%
Goiás	GO	9.660	21.285	11.625	120%
São Paulo	SP	13.780	13.950	170	1%
Mato Grosso do Sul	MS	7.480	10.790	3.310	44%
Minas Gerais	MG	5.900	9.100	3.200	54%
Bahia	BA	2.750	6.600	3.850	140%
Santa Catarina	SC	5.210	2.750	(2.460)	-47%
Piauí	PI	260	2.800	2.540	977%
Amazonas	AM	-	2.000	2.000	-
Total		120.910	173.441	52.531	43%



O destino da soja gaúcha

Uma boa compreensão do Complexo Soja gaúcho pode ser obtida a partir da análise dos números de 2011, já que, em 2012, a estiagem gerou sérios impactos na colheita. Ao todo, a safra atingiu 11,6 milhões de toneladas, das quais pouco mais da metade foi exportada *in natura*. A outra parte teve como destino o processamento interno, gerando 4,2 milhões de toneladas de farelo e 1,05 milhões de toneladas de óleo. Desse montante, foram vendidos para outros países cerca de 77% do farelo e 45% do óleo.



“O óleo é cada vez menos exportado. O que deu fôlego para o processamento gaúcho foi a demanda da indústria de biodiesel”, observou Rodrigo Feix. Segundo ele, naquele ano, aproximadamente 80% da produção de grão, farelo e óleo do RS foi exportado. “Isso mostra que a soja depende muito da competitividade externa. Chega a ser assustador pensar que o Complexo Soja responde por quase um quarto das exportações do Estado.”

Ao analisar o quadro de indústrias de processamento de soja que atuam no Rio Grande do Sul, o economista traçou uma diferença: “Ao contrário do que ocorre no Brasil, temos uma preponderância de empresas nacionais de esmagamento. E, mais do que isso, elas costumam ser locais. A exceção é a presença da Bunge em Rio Grande e em Passo Fundo”.

Entretanto, as gigantes globais apresentam forte presença em outros pontos da cadeia. “Se elas não estão no processamento, elas estão na exportação da *commodity*. Essas empresas figuraram entre as principais exportadoras do RS em 2011. Nove delas respondem, em conjunto, por 23% das exportações gaúchas”, sublinhou o economista da FEE, acrescentando que novos grupos estão sendo atraídos, incluindo o Noble.

Código	Empresas	Localização	Oleaginosas Processadas	Status
1	Agrodanieli	Tapejara	Soja	Ativa
2	Baldo	Encantado	Soja	Ativa
3	Bianchini	Rio Grande	Soja	Ativa
3	Bianchini	Canoas	Soja	Ativa
4	BSBIOS	Passo Fundo	Soja	Ativa
5	Bunge	Passo Fundo	Soja	Ativa
5	Bunge	Rio Grande	Soja	Ativa
6	Camera	Santa Rosa	Soja e Canola	Ativa
6	Camera	Estrela	Soja	Ativa
6	Camera	Estrela	Soja/Canola/Girassol	Parada
6	Camera	São Luiz Gonzaga	Soja	Ativa
7	CLW	Camaquã	Soja	Ativa
8	Coceagro	Cruz Alta	Soja	Ativa
9	Giovelli	Guarani das Missões	Soja	Ativa
9	Giovelli	Guarani das Missões	Soja	Ativa
9	Giovelli	Guarani das Missões	Soja/Canola/Girassol	Ativa
9	Giovelli	Guarani das Missões	Linhaça	Parada
10	Granol	Cachoeira do Sul	Soja	Ativa
11	Oleoplan	Veranópolis	Soja	Ativa
12	Olfar	Erechim	Soja	Ativa
13	Sebben	Marau	Soja	Ativa
14	Solae do Brasil	Esteio	Soja	Ativa
15	Warpol	Giruá	Soja/Canola/Girassol	Ativa ⁴⁸
16	Zaffari	Passo Fundo	Soja	Parada

Empresas do complexo soja entre as 30 principais exportadoras do RS - 2011			
Posição	Empresa	Valor (US\$)	Participação (%)
2	Bunge	1.189.940.509	6,13
3	Bianchini	940.035.964	4,84
4	ADM	690.881.887	3,56
7	Cargill	470.415.768	2,42
8	Louis Dreyfus	423.120.258	2,18
10	Nidera	317.045.813	1,63
16	Noble	249.974.756	1,29
25	BSBIOS	177.803.315	0,92
27	Camera	166.930.384	0,86

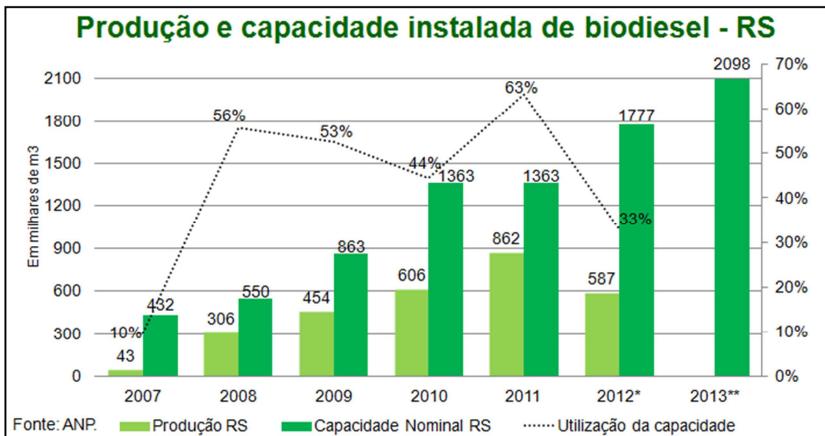
Fonte: SECEX/MDIC

9 empresas = 23% das exportações do RS

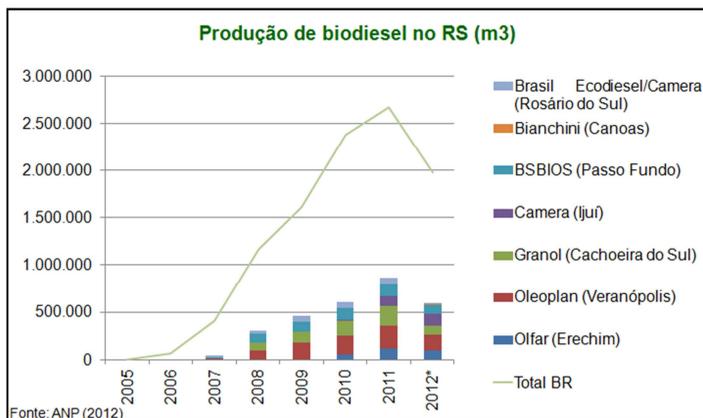
Biodiesel: fonte de oportunidades

A cada ano, tanto a produção quanto a capacidade instalada da indústria de biodiesel apresentam expansão no Rio Grande do Sul. É o que revelam os dados divulgados pela Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP).

Iniciando em 2007 com fabricação de 43 mil m³, a quantidade chegou a 862 mil m³ em 2011. No ano seguinte, em razão da frustração da safra, o patamar caiu para 587 mil m³. A capacidade instalada, no entanto, só conheceu a trajetória ascendente: 432 mil m³ em 2007, 1,36 milhão de m³ em 2011 e 1,77 milhão de m³ em 2012. Para o ano de 2013, a projeção da entidade é de que o patamar atinja 2,09 milhões de m³.



“A produção de biodiesel tem sido um *driver* importante para a evolução da agregação de valor. O avanço do Programa Nacional de Produção e Uso de Biodiesel é um elemento importante, gerando expectativas e um grande volume de investimentos realizados”, analisou Feix. O pesquisador chamou atenção para o fato de que não há presença de multinacionais atuando no segmento do biodiesel no Estado: “A previsão é de aumento significativo da capacidade gaúcha, mas por empresas locais”.



Investimentos em biodiesel				
Multinacionais				
Empresa	Cidade	Estado	Status	Capacidade m3/ano
ADM	Rondonópolis	MT	Operando	486720
Cargill	Três Lagoas	MS	Operando	252000
ADM	Joaçaba	SC	Autorizada	183600
Bunge	Nova Mutum	MT	Autorizada	148964,4
Noble	Rondonópolis	MT	Autorizada	248400
Total				1.319.684,40
~15% da capacidade total				
Nacionais do RS				
Empresa	Cidade	Estado	Status	Capacidade m3/ano
Bocchi	Muitos Capões	RS	Autorizada	86400
Fuga Couros	Camargo	RS	Autorizada	108000
Três Tentos	Ijuí	RS	Autorizada	180000
Oleoplan	Veranópolis	RS	Autorizada	90000
Oleoplan	Ponta Grossa	PR	Autorizada	378000
Total				842400
~9% da capacidade total				

Fonte: ANP (2012)

A realidade é bastante diferente em estados como o Mato Grosso, o que motivou uma crítica do painalista: “Os grandes grupos multinacionais têm realizado, cada vez mais, novos investimentos na região Centro-Oeste. Lá é muito difícil adquirir matéria-prima da agricultura familiar e das pequenas propriedades. Mas a política governamental surgiu com esse compromisso e com um elemento social muito forte”.

Segundo a ótica do economista, a essência do programa precisa ser preservada. “A efetividade do selo social é fundamental para o Rio Grande do Sul. Além disso, também é muito importante que haja uma mudança no regime mandatário, com aumento da mistura do biodiesel no diesel comercializado”, opinou.

O desafio da coordenação

Feix defendeu uma visão global sobre o Complexo Soja, que envolva suas múltiplas conexões com outras atividades: “Muitas vezes, a soja é associada ao esvaziamento do campo, mas ela é

fundamental para a competitividade do setor de carnes, que é compatível com a pequena propriedade. Há dois lados dessa moeda que precisam ser avaliados. Não se pode analisar a situação de maneira incompleta. O avanço da integração da cadeia de proteínas é fundamental, inclusive para a redução das desigualdades do Estado”.

Para que isso ocorra, o economista da FEE propôs uma ação coordenada em duas frentes: “De um lado, precisamos cuidar da demanda dos produtos, negociando a abertura dos mercados internacionais mais dinâmicos para o setor de carnes suína e de frango. De outro, focalizar a oferta, solucionando os entraves tributários que inviabilizam a elevação do processamento local”.

Dentro desse esforço, um elemento importante apontado por ele é a postura proativa do governo. “É importante que se reforce esse movimento, iniciado no governo Lula, de missões, contatos e memorandos de intenção para abertura do mercado de carnes e trocas comerciais. Isso tende a se refletir significativamente no próprio desenvolvimento do nosso Estado”.

Lançando um olhar para as novas perspectivas do Complexo Soja gaúcho, o pesquisador demonstrou otimismo. Apontou para o potencial de desenvolvimento de produtos nutricionais e de alternativas aos produtos lácteos. E concluiu: “O Rio Grande do Sul possui características que o qualificam a concorrer por investimentos em nichos de mercados que tendem a se tornar cada vez mais importantes”.